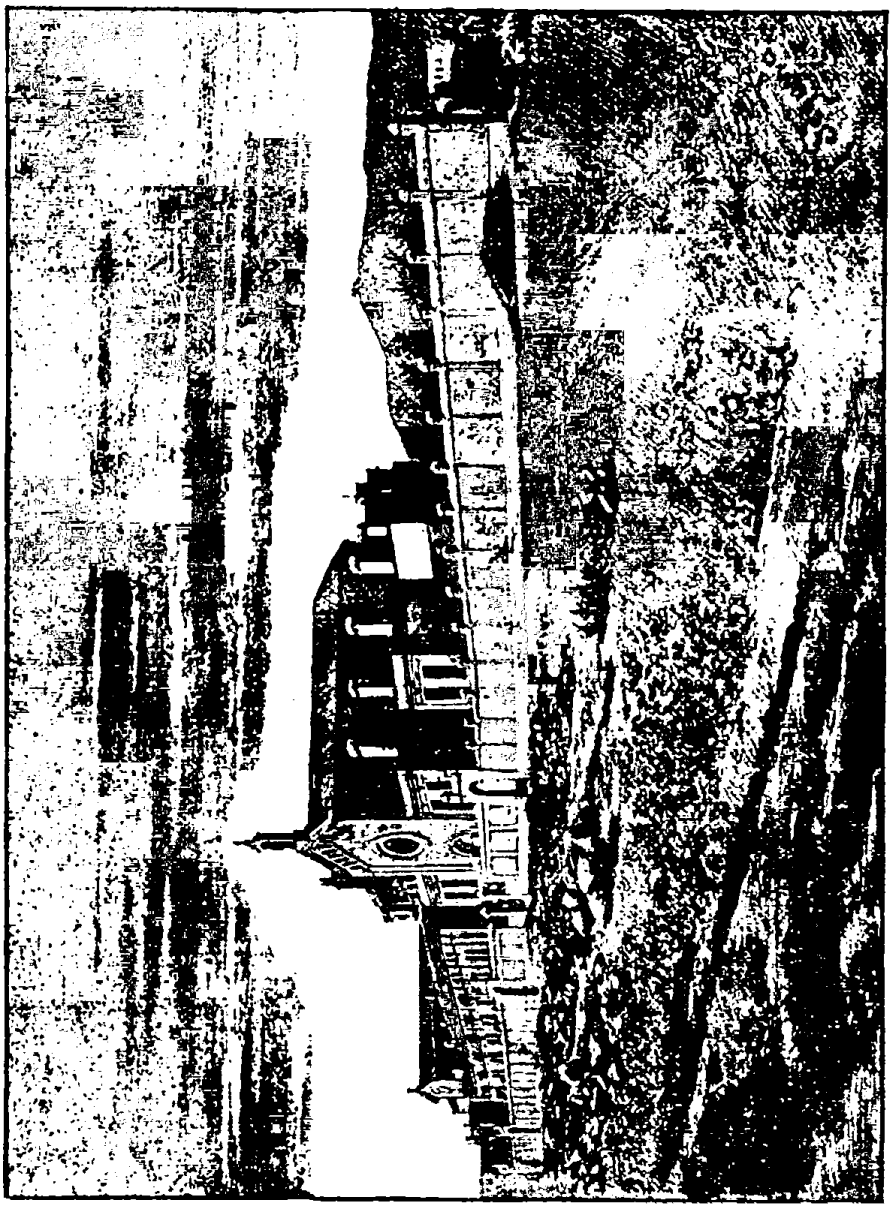
XII ANNO GUIMARÃES, 30 DE ABRIL DE 1890 NUMERO 13

O Progresso Catholico

«... sequor autem, si quo modo comprehendam...
AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum ad destinatum persequor, ad bravium triumphi Ecclesiae... in Christu Jesus
ID. 13. 14.



EGREJA E ASYLO DOS IRMÃOS DE S. JOÃO DE DEOS EM BARCELLONA

SUMMARIO:=Secção Religiosa: *Carta Encyclica do Nosso Santissimo Padre Leão XIII.*=Secção Scientifica: *O Congresso de Bruxellas—A escravatura africana, pelo R. Padre Alexandre Le Roy, da Congregação do Espirito Sancto, no Zanguebar; Civilisação e Civilisação*, pelo Padre J. A. R.=Secção Critica: *Sacrificio!*, por Dom Antonio d'Almeida.=Secção Illustrada, por R.=Secção Necrologica, por D. P.=Secção Litteraria: *Pobre viuva!...*, por M. F.=Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Egreja e asylo dos Irmãos de S. João de Deus em Barcelona; Pobre viuva!...*

SECÇÃO RELIGIOSA

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANTISSIMO PADRE

LEÃO XIII

Aos nossos veneraveis irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos, Bispos e outros ordinarios em graça e communhão com a Sé Apostolica.

LEÃO XIII PAPA

Veneraveis Irmãos
saude e benção Apostolica

RESTAURAR os principios da sabedoria christã e conformar plenamente com elles a vida, os costumes e as instituições dos povos, é uma necessidade que cada dia se torna mais evidente. Da desestima d'elles derivou tão grossa enchente de males, que nenhum homem de são juizo póde tolerar o estado presente sem ancioso cuidado, nem alargar os olhos sem receio para o futuro.

Tem-se feito, é verdade, não medio cre progresso nas commodidades corporaes e extrinsecas; mas toda esta natureza sensivel, a abundancia de meios, as forças e as riquezas, se podem gerar commodidades e requintar os mimos da vida, não poderão nunca satisfazer a nossa alma creada para cousas mais altas e com mais gloriosos destinos.

Olhar a Deus e encaminhar-se para Elle, tal é a lei suprema da vida do homem, o qual, creado como foi á sua imagem e similhança, é impulsado com toda a força de sua mesma natureza a gozar do seu Creador.

Todavia este caminhar para Deus não é obra de movimentos ou esforços corporaes, mas de actos proprios da alma, que são: conhecimento e amor. Deus é a primeira e suprema verdade, e da verdade não vive senão a intelligencia. Deus é a santidade perfeita e o summo bem, e a este só a vontade póde aspirar e chegar efficazmente por meio da virtude.

Ora o que se diz dos individuos, tambem se applica á sociedade domestica e á civil. Effectivamente, se a propria natureza instituiu a sociedade, não foi para que o homem a seguisse como a seu ultimo fim; mas para que n'ella e por ella achasse meios efficazes que o auxiliassem no aperfeiçoamento de si-mesmo. Logo se houver sociedade que não procure senão as vantagens externas, vida commoda e delicada, se tiver por praxe pôr a Deus de lado na administração da cousa publica e descurar as leis moraes, desvia-se perfidamente do seu fim e das prescripções da natureza e, mais que sociedade e communidade de homens, é uma imitação enganosa e um vão simulacro da verdadeira sociedade.

Ora esses bens d'alma, que acima dissemos, os quaes não se encontram senão na verdadeira Religião e na pratica perseverante dos preceitos christãos, vemos que se escurecem cada vez mais entre os homens ou de esquecidos, ou de enfastiados, e parece em certo modo que, quanto mais adeanta o progresso no tocante ao corpo, maior se torna a decadencia dos bens da alma. E não são pequena prova da diminuição e enfraquecimento da fé christã as injurias que com tanta frequencia, á luz do dia e aos olhos do mundo inteiro, se estão fazendo á Religião, injurias que uma epocha zelosa da religião de fórma alguma teria tolerado.

Por isso mal se póde calcular quão grande multidão de homens se encontra em risco de perdição eterna; e não só os homens, mas tambem as mesmas sociedades e estados não poderão conservar se largo tempo incolumes, porque com a ruina das instituições e dos costumes christãos, arruinados ficam sem remedio os mais solidos fundamentos da sociedade humana.

Resta só a força material para manter a ordem e a tranquillidade publica; mas essa força bem fraca é, quando se não apoia na Religião, e como mais propria para fazer escravos do que obedientes, traz em si mesma os germens de grandes perturbações. Assaz catastrophes nos apresentou já o seculo em que vamos, e quem sabe as que estão ainda por vir!

Por conseguinte o mesmo tempo, em que vivemos, incita-nos a procurar o remedio onde elle se encontra, isto é, a restabelecer na vida particular e em todas as partes do organismo social, os principios e practicas do christianismo, que é o unico meio capaz de exterminar os males que nos vexam e de prevenir os perigos que nos ameaçam. A isto, Veneraveis Irmãos, devemos attender, n'isto com todo o empenho e industria trabalhar. Por esta razão, embora Nós tenhamos já tractado estas materias em outras circumstancias, segundo se Nos offerecia ensejo, parece-Nos todavia util expôr com mais desinvolvimento n'estas Lettras os deveres dos Catholicos, deveres, cujo cumprimento exacto contribuirá admiravelmente para se salvar a sociedade.

Vivemos n'uma quadra de lucta desesperada e quasi quotidiana sobre materias do maximo interesse, na qual de maravilha se não deixarão alguma vez embair uns, desencaminhar outros e esmorecer muitos.

E d'ahi, Veneraveis Irmãos, o nosso dever de advertir, ensinar e exhortar a todos os fieis, como requerem os tempos «para que ninguem abandone o caminho da verdade».

Está fóra de toda a duvida que na prática da vida mais e mais graves obrigações correm aos catholicos, do que aos homens ou pouco penetrados da nossa fé ou totalmente desprovidos d'ella.

Quando Jesus Christo, consummada a Redempção do genero humano, mandou aos Apostolos que fossem prégar o Evangelho a toda a creatura, impoz logo a todos os homens a obrigação de escutar e crer o que lhes fosse ensinado, obrigação á qual vinculou indispensavelmente a salvação eterna: «*o que crêr e fôr baptisado, será salvo; o que porém não crer, será condemnado*». (1)

Mas uma vez que o homem abraçou como devia, a fé christã, fica por este facto sujeito á Egreja, como seu filho e sobe a ser membro da mais vasta e mais sancta sociedade a qual o Pontifice Romano governa com missão expressa e auctoridade suprema, debaixo de sua cabeça invisivel, que é Nosso Senhor Jesus Christo.

Ora, se a lei natural nos manda amar com predilecção extremosa e defender a terra em que nascemos e nos

(1) *S. Marc.*, XVI. 6.

creamos, de modo que todo o bom cidadão esteja prompto a arrostar a mesma morte pela sua patria; com muito maior razão devem os christãos animar-se de eguaes sentimentos a respeito da Egreja, que é a cidade sancta de Deus vivo, obra immediata de Deus e por elle mesmo organisada, a qual anda, sim, peregrinando n'esta terra, mas é a que chama os homens e os instrue e encaminha á eterna bemaventurança.

Amemos pois e muito a nossa patria terrena que nos deu a vida mortal; mas amemos ainda mais a Egreja a quem somos devedores da vida immortal da alma, porque é justo preferir os bens da alma aos do corpo, e os deveres para com Deus tem um caracter mais sagrado que os deveres para com os homens.

Quanto mais que, se bem ponderarmos, o amor sobrenatural da Egreja, e o amor da patria são dois affectos que procedem do mesmo principio eterno, de ambos é o mesmo Deus auctor e causa, e por isso nunca poderá um ir de encontro ao outro. Sim, nós podemos e devemos por um lado amar-nos a nós mesmos, querer bem ao proximo, amar a cousa publica e a auctoridade que a governa, e por outro lado e ao mesmo tempo venerar a Egreja como a Mãe, e amar a Deus com o maior amor que nos caiba no coração.

Com ser isto assim, anda a harmonia d'estes dois deveres algumas vezes transtornada ou pela desgraça dos tempos, ou pela má vontade dos homens. Casos ha effectivamente em que o Estado exige uma cousa do subdito e a Egreja requer outra do christão, e a causa d'esta collisão é porque os chefes politicos ou não reconhecem o poder sagrado da Egreja ou a pretendem avassallar. D'aqui as perseguições e as admiraveis scenas de fortaleza christã. Dous poderes insistem dando ordens contrarias. Obedecer a ambos ao mesmo tempo é impossivel: «*Ninguem póde servir a dois senhores*» (1) agradar a um é descontestar o outro: mas qual deva ser preferido é cousa em que não cabe a menor duvida.

Seria crime negar obediencia a Deus para dal-a aos homens; seria delicto infringir as leis de Jesus Christo para obedecer aos magistrados, ou violar os direitos da Egreja sob pretexto de guardar as leis de ordem civil. «*Importa obedecer mais a Deus do que aos homens*». (2) Esta resposta que outr'ora costumavam dar Pedro e os mais Apostolos aos magistrados, quando lhes ordenavam cousas illicitas, cumpre repetil-a todos os dias muito resolutamente em circumstancias eguaes. Não ha melhor cidadão quer na paz, quer na guerra, do que o christão que o é deveras; mas por isso mesmo que o é, deve estar resoluto a soffrer tudo e a mesma morte, do que desertar a causa de Deus e da Egreja.

(1) *S. Math.*, VI. 24.
(2) *Act. Apost.*, V. 29.

D'aqui se infere que não conhecem bem a força e natureza das leis os que censuram esta resolução na escolha entre deveres encontrados, e a infamam de sedição.

Estamos fallando de cousas que todos sabem e que Nós-mesmo já por vezes explicámos. A lei não é outra cousa que um dictame da recta razão promulgado pela auctoridade legitima para o bem commum. Verdadeira e legitima auctoridade não a póde haver, sem que derive de Deus, Rei e Senhor Supremo de todas as cousas, unico que póde investir o homem de auctoridade sobre os outros homens.

Recta razão não se póde chamar aquella que discordar da verdade e razão divina; e, quanto a bem verdadeiro, certamente o não é o que estiver em contradicção com o bem supremo e immutavel e por conseguinte torcer e desviar as vontades humanas do amor de Deus.

Sagrado é pois para christãos o nome de auctoridade; por verem n'ella, ainda quando reside em sujeito indigno, algum reflexo e similhança da magestade divina. Justo e devido é para elles o respeito das leis, e não por medo da força e de sancções penaes, mas por simples dever de consciencia: «*Porque não nos deu o Senhor espirito de temor*» (1).

Mas tambem se as leis do Estado se pozerem em aberta contradicção com a de Deus, se forem injuriosas para a Egreja ou contrarias aos deveres religiosos, se violarem no Summo Pontifice a auctoridade de Jesus Christo, então resistir é obrigação, e obedecer seria um crime e crime até contra a patria, porque peccar contra a Religião é fazer mal ao proprio Estado.

E outra vez se mostra quão injusta seja a querella de rebellião, visto que em taes casos não recusam os christãos ao Principe e aos Legisladores obediencia que lhes seja devida, mas afastam-se da vontade d'elles n'aquellas exigencias para as quaes não têm auctoridade nenhuma, porque são injuriosas para Deus e portanto injustas e uma vez que são injustas, tudo serão, menos leis.

(1) II. *Tim.*, I. 7.

Bem sabeis, Veneraveis Irmãos, ser esta a mesmissima doutrina do Apostolo S. Paulo, que, escrevendo a Tito para lembrar aos christãos: «*que devem ser sujeitos aos Principes e aos Magistrados, e obedecer-lhes*», accrescenta logo: «*e estar promptos para fazer toda a casta de boas obras*» (1), com o que deixou bem declarado que, se as leis dos homens alguma cousa mandarem contra a eterna lei de Deus, o justo é não obedecer. Do mesmo modo o Principe dos Apostolos com animo generoso e invicto dava esta resposta a quem queria tirar-lhe a liberdade de prégar o Evangelho: «*Se é justo deante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgue-o vós: porque não podemos deixar de fallar das cousas que temos visto e ouvido*» (2).

Portanto amar ambas as patrias, a da terra e a do céo, mas com tal ordem que o amor da patria celeste prevaleça ao amor da primeira, e que jámais as leis humanas sejam preferidas á lei de Deus, tal é o principal dever dos christãos, dever que é como a fonte d'onde derivam todos os outros deveres.

E em verdade o Salvador do genero humano disse de si mesmo: «*Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade*» (3); e tambem: «*Eu vim trazer fogo á terra, e que quero eu se não que elle se accenda?*» (4).

Ora no conhecimento d'esta verdade que é a suprema perfeição da intelligencia, e na caridade divina que aperfeiçôa summamente a vontade, é que consiste toda a vida e toda a liberdade christã. Este nobilissimo patrimonio de verdade e caridade, confiou-o Jesus Christo á sua Egreja, a qual com perpetuo zelo e vigilancia o conserva e defende.

Quasi se escusa mencionar aqui o encarniçamento e variedade da guerra que se tem ateado contra a Egreja.

Só porque a razão, acompanhada das investigações da sciencia, acertou de arrancar á natureza grande numero dos seus segredos e applical-os com vantagem aos diversos usos da vida, chegaram os homens a tão desmedido orgulho, que já lhes parece que podem proscrever a Deus e a auctoridade divina de toda a vida social.

(*Continua*).

---

(1) *Tit.*, III, 1.
(2) *Act. Apost.*, IV. 19. 20.
(3) *S. Jo.*, XVIII. 37.
(4) *S. Luc.*, II. 49.

SECÇÃO SCIENTIFICA

O CONGRESSO DE BRUXELLAS

A escravatura africana

Pelo R. Padre Alexandre Le Roy, da Congregação do Espirito Sancto, no Zanguebar

(Continuado do n.º 11)

III.— Meios mais proprios para obter a diminuição progressiva da escravatura

E quanto fica dito que havemos de concluir?

Que a situação é desesperada e nada mais resta que abandonar a Africa á sua sorte d'escrava, deixal-a soffrer e morrer?

Assim o pensam muitos, muitos o dizem, alguns o escrevem. E não achamos fóra de proposito o observar de passagem! que esses partidarios são precisamente os que taxam os outros de não amarem a fraternidade nem a liberdade.

Mas aos verdadeiros christãos, que se orgulham de suas tradições gloriosas e querem viver segundo a sua fé, toca passar atravez dos povos, como o Divino Mestre, fazendo o bem. Alem d'isso, o actual movimento anti-escravatista tem-se generalisado assás para que se não deixe de tentar utilizal-o em favor d'essa triste abandonada Africa. Não nos illudamos. Oh! não! O mal é immenso. Trata-se de curar uma raça d'uma doença, quarenta vezes secular, que invadia todo o seu ser. Mais: é preciso curar esta raça contra sua vontade, pois que a Africa é tão solicita em ceder os seus filhos á escravatura, como outros paizes são diligentes em pedir-lh'os e havendo necessidade, em roubar-lh'os.

E' esta uma enfermidade que ainda se pode comparar d'algum modo ao *piau de Moçambique*.

O *piau* é uma ulcera que se abre e se alastra, corrompendo bem depressa todo o organismo e produzindo, aqui e alli, chagas abertas, asquerosas, horrendas. Cura-se uma, abre-se outra; e o doente acaba, ás vezes, por ficar de tal modo esgottado de forças, que prefere o seu estado lastimoso a submetter-se a um tratamento que só o faz soffrer, sem obter a cura do seu mal. Um remedio não lhe basta; urge ao mesmo tempo e antes de tudo sujeital-o a um regimen severo e rodeal-o de minuciosas precauções.

Que remedios haverá, que regimens, que precauções?

I.—Basta percorrer n'um relance d'olhos a carta da Africa, para notarmos que onde esteja na costa uma potencia christã solidamente estabelecida a exportação d'escravos está de facto supprimida.

Se, pois, as diversas potencias da Europa fossem senhoras de todas as costas africanas, como a França por exemplo o é da Algeria e mesmo da Tunisia, como a Inglaterra o é do Cabo, e como o proprio Portugal o é de Moçambique, é evidente que a exportação dos negros, se não cessasse immediatamente, tornar-se-ia mui difficil e viria a ser conseguintemente rarissima.

Quanto ao *trafico no interior* perderia por isso mesmo de intensidade. Porquanto á medida que a colonia europea do litoral se fortificasse, se desenvolvesse, se alargasse, tornando-se util e sympathica, entre as tribus pagãs do interior, por meio das missões christãs e bem assim dos postos que ella creasse por si mesma, os escravatistas veriam pouco e pouco, lesados os seus interesses, decrescer a sua fortuna; e chegados a este passo, por vontade ou por força, renunciaram ao seu vil mister.

Emfim, simultaneamente, a mesma *escravatura local* seria ferida por diversas medidas destinadas a regular os pleitos entre os chefes, a diminuir as guerras e as fomes, a castigar as tribus escravatistas e a proteger os povos fracos.

Mas emquanto os postos militares não puderem ser fortalecidos com o auxilio da costa, de modo a haver uma base d'operações segura, nada conseguirão no interior, e a sua acção será mais perigosa que util para a causa que vão defender.

Em quanto as potencias europêas julgarem dever entrar por esses paizes com ares de conquistadores e appellando só para a violencia, darão em terra, comprometterão a obra das outras e farão mais mal que bem á civilisação geral.

Em summa, se se pretende chegar á diminuição progressiva da escravatura africana, é necessario antes de tudo que a Europa se apodére das costas, ou as senhoreiem os governos em seu nome, por um systema de conquista pacifica ou de qualquer protectorado, ou sociedades poderosas tomem isso a seu cargo. Mas, não é demais o repetil-o, importa muito ao interesse particular, bem como á causa geral, evitar a violencia, tratamento altivo, exigencias tyrannicas, pactos ardilosos, *formulas intrigantes*, ameaças, precipitação, rigor nos lucros, etc. A questão de funccionarios, sobretudo nos começos, é de primeira importancia. Aqui particularmente, *incedo per ignes suppositos cinere doloso;* mas a muitos parece que, n'este momento a companhia ingleza do Este africano pode servir de modelo ás outras.

Para se chegar a este resultado, o bloqueio actual da costa do levante deve cessar, e a paz ser feita; sim a paz, que na realidade, sempre dependeu muito mais do europeu que dos proprios musulmanos.

Estabelecida ella, cuidar-se-á em fazer esquecer as faltas commettidas, e não se podendo ser decididamente sympathico, pelo menos convirá nos mostremos praticos e uteis. Pouco a pouco, accumulando de respeitos e favores os régulos indigenas conseguir-se-á, e já não é pouco, que segundo o seu espirito, não sejam os arabes e musulmanos tidos como preferiveis a nós, os europeus, os christãos.

Repito: em quanto se não fizer isto, tudo o que se disser, se praticar, se dispender, para a suppressão da escravatura africana, será completamente perdido.

Pelo contrario, desde o momento em que esteja estabelecida a influencia européa em toda a costa, lá irá proseguindo por si mesma a solução do problema, mais ou menos lentamente, talvez, mas d'um modo ininterrupto e seguro;

Os cruzeiros continuarão a fazer caça aos traficantes nas paragens de Zanzibar, de Pemba, da Arabia, etc.;

As alfandegas ficarão em mãos d'europeus;

Em todos os pontos da costa, agentes dedicados, quer europeus que indigenas, se fixarão, concedendo-lhes premios na proporção dos escravos de que impeçam o transporte;

Será reservada a importação da polvora e armas, assim como a das bebidas alcoolicas, destinadas ao commercio;

Estradas de ligação com o interior, pontes sobre os rios, traçados de veredas simples, poços abertos de étapa em étapa, e pequenos postos estabelecidos, tudo, tudo se fará. Estes caminhos tendo a vantagem de fornecer em todo o tempo agua e viveres, serão de preferencia seguidos pelas caravanas. Em certas regiões, como na Algeria, o systema de caminhos de ferro ensaiado pelos russos no paiz de Kirghiz será indubitavelmente d'uma grande vantagem, e poder-se-ão em breve tempo estabelecer cada vez mais no interior do Sudão.

As caravanas deverão ficar sujeitas a um determinado regulamento. Comsigo não trarão mais que as armas e munições indispensaveis para sua defeza; o chefe empenhar-se-á em não comprar escravos, em não coadjuvar com sua gente e armas indigenas contra indigenas, sobretudo em não fazer guerra d'exterminio a tribus d'indole pa-

cifica. N'estas, alem d'isto, poderão mais tarde, e pouco e pouco, se os chefes o consentirem, estabelecer-se voluntarios para sua defeza.

Os *Wangwanas* que se acham fixados no interior, sendo a causa de um grande numero de guerras locaes, exigem ser vigiados com um cuidado particular.

Quanto aos actuaes centros musulmanos, escapam ás medidas europeias, emquanto não haja com elles meios de communicação rapida. No emtanto, talvez se possa conseguir da auctoridade de que estão dependentes, lhes seja dado um chefe responsavel. Em todo o caso, se é verdade que os governos e as companhias (ou sociedades) não lançam ao desprezo a civilisação africana e a moralisação dos negros, será de tal modo a sua linha de proceder que não vão favorecer a installação ou a diffusão do islamismo no interior, confiando, por exemplo, a musulmanos os postos que se forem estabelecendo em paizes onde não haja musulmanos.

A' medida que a influencia europeia se fizer sentir, os chefes indigenas, vendo a sua auctoridade não só garantida, mas alem d'isto assegurada e engrandecida, pouco e pouco serão attrahidos, ganhal-os-êmos com grande proveito da paz e da civilisação.

Todos estes resultados não são tão difficeis de obter como parece. Ultimamente ainda, os sultãos de Zanzibar, em poucos annos e com poucos recursos, tinham chegado a ter alem dos Lagos bastante auctoridade moral para se fazerem escutar, honrar e quasi obedecer. Toca aos europeus o mostrarem-se tão consummados politicos como os sultãos de Zanzibar.

Por outro lado, Brazza, no Congo, o governo francez, no Senegal e na Tunisia, a Companhia ingleza do Niger e a do Este africano, parecem tendentes a realizar este programma.

Ha pois possibilidades de se conseguir alguma coisa.

II.—Quanto a missões, ha muitas na Africa, pertencentes a diversas sociedades. Ignoro se ha motivos para julgar umas mais apreciaveis que outras; o que sempre me pareceu, é, que todas são animadas d'um mesmo espirito, todas egualmente dedicadas á civilisação, todas por conseguinte anti-escravatistas de facto. A' testa d'estas missões estão superiores, vigarios ou prefeitos apostolicos, que vendo as coisas de perto, merecem todo o credito; porquanto a elles cabe-lhes, perante a Santa Sé e perante Deus, a responsabilidade do mal a impedir e do bem a praticar. Ora, como o que é de conveniencia para um paiz, muitas vezes é impraticavel n'outro, e uma medida que se julga aqui boa, é alem desastrosa, parece justo pôr os chefes das missões africanas ao corrente do movimento anti-escravatista, pedir-se-lhes forneçam os dados e avisos que julgarem a proposito para o fim desejado, haver intelligencia com elles para que digam o que melhor convem, o que parece prematuro, o que é perigoso, o que é impossivel; e é summamente essencial não tomar nenhuma medida séria e que se antolhe de interesse n'esta importante obra, sem primeiro os haver consultado.

Mais ainda. Sendo as missões christãs reconhecidas por todo o mundo como elementos de civilisação, seja qual fôr a sociedade ou nacionalidade a que pertençam, não se prestaria um bom serviço não só á Africa, mas tambem á influencia européa, o fazer com que essas missões sejam não só toleradas na Europa e na Africa, mas defendidas, animadas, sustentadas o mais possivel?

Convinha, sobretudo que não encontrassem obstaculos em recrutar gente nos paizes christãos, e não fossem em regiões pagãs atormentadas com a presença de homens que por seu proceder escandaloso, por suas idéas irreligiosas e falsas, por seu temperamento tyrannico e desprezo para com os negros, contrariam por sua presença, não só a influencia benefica das missões, mas a causa geral dos emprehendimentos europeus.

Não será triste vêr ás vezes um povo christão destruir lá ao longe com uma mão o que a outra edificou?

Nota-se por vezes nas missões progressos relativamente pouco rapidos. Nem sempre se deve imputar a falta aos indigenas. Os negros d'Africa, particularmente, como não teem um compendio de doutrina, uma historia nacional, uma civilisação propria, ao modo dos arabes, indos e chinezes, muitas vezes se julgariam honrados em fazer parte da religião da potencia européa com que defrontam, se estivessem intimamente convencidos de que essa potencia tem uma religião.

Mas ha tres obstaculos, que não se está em costume de revelar e urge tornar bem notorios, pois são consideraveis e d'um peso enorme para as missões catholicas:

1.º—Difficuldade de recrutamento das vocações religiosas, por causa da corrente anti-religiosa que reina em certos paizes;

2.º—Insufficiencia de recursos comparativamente com as necessidades que se apresentam e com os resultados que se poderiam obter, em havendo mais dinheiro;

3.º—Falta de concurso, para não dizer mais, da parte dos governos europeus e de muitos dos seus funccionarios, dos quaes os melhores a miude se vêem obrigados a occultar-se, para não cahirem no desagrado perante a sua nação, ao praticarem o que a sua consciencia lhes dicta como um dever.

Que fazer n'esta situação? Os missionarios com as suas apoucadas forças lá vão proseguindo na sua obra silenciosamente, passando atravez dos povos e tentando fazer lhes o maior bem que podem, deixando o resto á Providencia.

III.—A seu turno, se as sociedades anti-escravatistas teem homens dedicados, sérios, calmos, de caracter benigno, podendo viver parcamente, accessiveis á desgraça, amantes dos negros e dispostos a fazerem á Africa e a Deus o sacrificio de suas vidas, esses homens, que parecem numerosos, mas que sujeitos á prova se tornam raros, podem prestar verdadeiros serviços em certas missões ensinando os negros christãos e amigos a defenderem-se e a repellirem um ataque. Talvez mesmo esse pequeno corpo de *guardas nacionaes* podesse em occasião azada, prestar seu soccorro a uma tribu visinha?

Talvez, emfim, que ao passar uma caravana d'escravos debaixo das suas vistas, lhe fosse facil atacal-a?

Mas cumpre não perder de vista, que actualmente em toda a região da Africa oriental e equatorial no Zanguebar e nos Lagos, os tempos vão muito maus para tentar estas experiencias. Em todo o caso, se um grupo d'europeus, embora pouco numeroso, se encaminhasse para o interior, com o intuito de pôr-se de accordo com os missionarios e os outros europeus da costa, aos quaes se attribue o fim de conquistar a Africa, e arrebatar, a quem actualmente os possue, o commercio e a auctoridade, e obrigar finalmente os negros a trabalhar para esses europeus da costa, então adeus missões, que todas ficariam perdidas! Ter-se-ia querido destruir a escravatura; ter-se-ia ensaiado o primeiro vôo para a liberdade....

Termino aqui as minhas considerações, inspiradas sobretudo pela leitura d'um certo numero d'artigos da imprensa européa sobre a escravatura africana. Se, por minha vez, sem ter sido sollicitado, simples missionario, sem auctoridade e sem mandato, me atrevi a publical-as, na mesma occasião em que se acha reunida uma Assembléa tão distincta a qual reune á mais subida intelligencia uma dedicação provada, foi necessario que a isso fosse como forçado, pelo grande interesse, pelo intenso amor que consagro a estes infelizes negros, tão simples, tão ingenuos, tão bons!

Demais, qualquer que seja o re-

sultado immediato dos esforços tentados para a penetração da Africa, é certo que se assiste, na hora actual, a uma nova evolução da especie humana sobre este immenso continente! Ainda não é senhora d'elle a Europa, como o dizem os mappas e como o ensinam a seus discipulos os professores de geographia. Mas quer sel-o, e a sua vontade é imperiosa. Vejamos como por um instincto natural, por uma necessidade de expansão geral, a familia de Japheth se estende, se espalha ao longe, sendo tão difficil conter essa vaga que engole ess'outro continente ou o submerge! ESTÁ ESCRIPTO. E se Cham ignora isto, Cham que não sabe ler. Sem o sabe perfeitamente e o repete d'um a outro extremo do islam; e, como a sentença vem do Alto, acceita-a animosamente.

Ora pois: se esse movimento deve cumprir se, e os europeus querem dirigil o n'um sentido christão, isto é, sem esmagar os povos inferiores e sem se exporem a choques, nos quaes em summa, terão muito mais a perder que a lucrar, seja emfim, a sua entrada nas terras africanas, pacifica, attrahente, toda mansidão e nuncia do levantamento moral e religioso dos infelizes negros.

No emtanto, unam se todos os obreiros da civilisação, prestem todos o seu concurso para allivio dos pobres africanos e serão abendiçoados pela posteridade. A Africa está em trevas. Só Deus ahi pode fazer resplandecer a luz; mas aos homens toca preparar e accender o pharol!

Mombaça (Zanguebar).

Civilisação e Civilisação

(Continuado do n.º 6)

II

Transformismo

«Todo o erro é verdade de que se abusa» disse o immortal Bossuet. A theoria da evolução, de que o positivismo lançou mão com o frenetico desespero do naufrago que vae sossobrando, não passa d'um especioso e phantastico *romance*, destituido de valor scientifico, e em diametral opposição com os dados positivos de todas as sciencias experimentaes dignas d'este nome.

Assim o assevera o atheu Carl Vogt na apreciação que fez da obra de Hæckel, o mais enthusiastico dos discipulos de Darwin: «Esta arvore genealogica—do homem—tão completa, tão bem construida, deixa transparecer apenas um *pequeno* defeito similhante ao do ginete de Rolando; fallece-lhe a *realidade* absolutamente, como a vida ao cavallo do paladino.

O proprio Hæckel escreve: «Vemonos na necessidade de admittir e defender esta theoria, até que se *encontre outra melhor*» (1) Pudéra! se a não admittissem, teriam que recorrer ao sobrenatural, ao milagre... que horror! *Vade retro*... Antes mil vezes o absurdo, embora do maior calibre! «A descoberta da selecção natural, diz o transformista M. du Bois Raymond, subministra-nos o meio de excluir da natureza a finalidade ou a intervenção sobrenatural: aproveitamol a anceosamente ATÉ NOVA ORDEM.

Será porém scientifica esta acceitação ou fundada em boas e solidas razões? Certo que não.

Que sabio pudéra hoje em dia sustentar a geração espontanea, base do systema darwinano, depois das experiencias de Pasteur e Tyndall?

Quem pode falar seriamente dos Bathibius, do Eozoon canadiense, das moneras ou organismo sem orgãos, e demais protoplasmas, que a imaginação de Hæckel, Huxley, Gümbel, etc., etc., observadores interessados, tinha revestido das propriedades da materia organisada, mas que não passam de vulgares precipitados mineraes ou simples zoophytos? (M. Raboisson).

Toda esta babugem scientifica na apparencia está condemnada sem appellação: a academia das sciencias de Paris, juiz por certo muito insuspeito, pronunciou-se contra a geração espontanea apoz longo e maduro exame, e o celebre Agassis (2) escreveu: «Considero esta doutrina (o *Darwinismo*) não só como sendo contraria aos verdadeiros methodos da historia natural, mas como *perniciosa* e *fatal* aos progressos d'esta sciencia.»

Não é intento nosso emprehendernos aqui uma refutação cabal d'este *parto* monstruoso d'uma imaginação ultra-phantasiosa, ao qual optimamente quadra o titulo ou estigma infamante que lhe grava na frente a—*Revue des cours scientifiques*, tomo VII p. 563 Paris 1870 chamando-lhe:—CONTOS DE FADAS OU INSULTO AO BOM SENSO.

Quem quizer elucidar-se sobre o assumpto encontrará luz que dissipe todas as sombras da duvida nas obras magistraes: *Le Darwinisme et l'Origine de l'homne* por Mr. A. Lecomte, doutor em sciencias naturaes e lente da real Escola normal de Mons (Belgica)—*Du Darwinisme* pelo D. Constantin James, lente no Collège de France; *Transformisme et Darwinisme*, por M. Lavaud de Lestrade, presbytero de S. Sulpicio e professor de sciencias naturaes; *Actualités*, ou *réponses aux objections de la science antichrétienne* por l'abbé Victor Aubem; *Supposto parentesco entre o Homem e o macaco* pelo dr. Polo y Peyrolon, traduzido na 2.ª edição castelhana; as sabias elucubrações de Quatrefages, Aeby, Pruner-Bey, Gratiolet, Alix, Owen, Monsenhor Meignan, *l'Homme primitif;* Agassis *de Lapparent* etc. etc. emfim os sabios mais insignes como o Dr. Chenu que refuta peremptoriamente Bory de Saint-Vincent precursor de Darwin.

Não sómente repugna á maxima parte dos naturalistas incluir o homem na classe dos quadrumanos; mas uma multidão de sabios de primeira plana taes como Ray, Pennaut, Buffon, Vicq-d'Azyr, Tiedemann, Swainson, de Blainville, M. Serres, Geofroy-Saint Hilaire, Milne Edwards, Quatrefages, Focillon etc. etc. não hesitam em constituir para o homem, no conjuncto da creação, um quarto reino, o reino *hominal* ou reino humano. O afamado naturalista Quatrefages se exprime a este respeito do modo seguinte: «Em quanto a mim, o homem tanto differe do animal como este do vegetal; e por eguaes titulos assiste-lhe pois o direito de formar, por si só, um reino áparte, o reino *hominal* ou o reino humano».

Não obstante porém a falsidade radical e absoluta do *transformismo*, Darwin tem a seu favor umas taes ou quaes apparencias muito especiosas á primeira vista, que provêm da unidade admiravel do plano da creação.

De feito, tanto na sua estructura anatomica como no jogo das suas funcções, todos os seres vivos apresentam certa identidade que revela a adoravel sabedoria do creador em dispor todos os seres na mais bella e perfeita harmonia, elevando-se suavemente do menos perfeito ao mais perfeito, de sorte que no quadro da creação resplendem uns longes da divinal formosura.

Mas esta analogia dos seres não pode evidentemente per si só provar em boa logica que uns procedam dos outros.

Não repugna, é verdade, esta procedencia nem á razão nem á fé *a priori;* Deus podia determinar que assim fosse; o que porém é certissimo *a posteriori* é que não o quiz, consoante o assevera terminantemente a verdadeira sciencia, e tanto basta para que rejeitemos o *transformismo* e *darwinismo*.

Se estas theorias não passam perante a sciencia d'um producto hybrido de espiritos desvairados, alheios aos ver-

(1) Citado por Lecomte, *Darwinismo*, p. 156.

(2) Agassis. *De l'espece et de la classifications en zoologie* pag. 235. Paris 1869.

POBRE VIUVA!

dadeiros processos do methodo experimental, d'ahi não se pode concluir que seja falsa toda e qualquer evolução.

Adduzindo o conceituoso dito de Bossuet como thema d'estas singellas considerações que vamos alinhavando á pressa, tinhamos até em vista demostrar serem o positivismo e o transformismo hodiernos resultados d'uma evolução real, incontestavel ainda mal!

Sim, existe a evolução; todavia não se dá nos corpos, mas nos espiritos em que assume a evidencia d'um facto tangivel. Attingiu com a creação do homem o seu grão de perfeição a natureza corporea; não succede o mesmo com o espirito do homem que emquanto viador está e estará experimentando incessantes transformações sob o influxo da evolução da verdade e do erro: este evoluciona negando, obscurecendo, apagando: é a negra noute a estender por sobre os espiritos o seu manto pesado de trevas, horrores, vicios e crimes, corrupções e decadencias. Aquella desenvolve se affirmando, esclarecendo, illuminando tudo: é o claro dia surgindo dos vacillantes alvores da manhã ás refulgencias da luz meridiana, cujo nobre cortejo é a justiça, a dignidade moral, a paz, a virtude, o progresso emfim, sob todas as suas manifestações, por isso que diz optimamente Mignet: «não ha verdade que destruindo uma miseria não mate um vicio».

Esta benefica transformação realisou-a no mundo Aquelle que de si mesmo affirmava (e exuberantemente provava): *Ego sum lux mundi*, eu sou a luz do mundo. A sua santa e divinal doutrina foi, de facto, espancando as trevas do erro que com ella desde logo travaram profiada lucta; ai! é lei na pobre humanidade decahida preferirem os mortaes as trevas á luz: *dilexerunt magis tenebras quam lucem*.

Venceu porém a luz após titanicos embates, e a humanidade maravilhada poude um dia saudar no *sol* de Aquino a *verdade* immaculada e plena, illuminando o mundo em todo o seu fecundo e refulgente explendor, quanto possa ser, ao menos, n'esta mansão tenebrosa.

Mas como todo o astro em chegando a seu zenith vai immediatamente declinando para o ocaso, assim era forçoso succedesse não á verdade que, em si, é indeffectivel e sem declinar, mas ás suas manifestações externas, ao seu imperio sobre as intelligencias.

O sceptro das intelligencias pertenceu incontroverso, durante largos seculos á verdade incarnada na Igreja preceptora e mestra auctorisada, oraculo infallivel do mesmo Deus; então o erro demascarado e corrido refugiava-se nos antros reconditos, onde, raivoso mas não desalentado, planeava surda e porfiadamente uma desforra implacavel. Vingaram os seus intentos ainda mal, graças á humana connivencia! Com Luthero e os seus fanaticos seguazes o erro surdiu á luz e em breve enfurecido conseguia rasgar a tunica inconsutil da esposa do Cordeiro: *Tolle Thomam et dilacerabo Ecclesiam*, dizia o patriarcha da impiedade; dilacerou-a e desde então, aberto o poço do abysmo, fundado o conciliabulo da maldade e constituida a *Cadeira* da pestilencia, o erro, brandindo o camartello demolidor da *negação*, foi multiplicando os estragos; nada resiste ao seu furor vandalico, á sua raiva satanica: e hoje ai! está quasi que concluida a sua nefanda assolação.

(Continua.)

P.e J. A. R.

SECÇÃO CRITICA

Sacrificio!

«Sacrificium Deo spiritus contribulatus!» E' do Psalmo *Miserere*. O nosso espirito attribulado, nossa attribulação levada com paciencia e offerecida ao Senhor da Justiça é *sacrificio* que fazemos a Deos! Não absoluto, que a tribulação seja grande, nós não escolhemos seu grau; *no espirito* está a primaria grandesa e na dedicada resolução o alcance; Deos por sua infinita Misericordia suppre, como tem sempre de *supprir* por maiores que sejam os bons actos do homem! Não ha Christão sem *resoluções de sacrificio;* pois que mesmo quando não tenha de o fazer, tem de estar a elle resolvido. O *sacrificio* do amor-proprio, do ressentimento justo que seja, é o maior, e tanto que ha homens aos quaes é mais facil perder a vida que *sacrificarem* aquelle amor ou aquelle ressentimento; vencer-se em tal combate é proprio do Christão, é victoria de exemplo. Jesu-Christo Senhor Nosso deu-nos o exemplo do sacrificio: nós devemos imital-«O». E que *Sacrificio* poderemos fazer que se compare com «O» do Calvario? E'-nos impossivel o «alcance d'este.» Vamos até onde pudermos, e assim imitaremos o «Redemptor» salva a distancia infinita. E' no meio dos homens onde mais vezes se nos deparam as occasiões de Sacrificio, e mesmo trabalhando para bem de elles, e até recebendo o que se não esperava; mas que? «Se maldito é o homem que confia n'outro homem» maldito tambem o homem que *trabalha pelo homem* e não por Deos, quer trabalhar a mais ou menos *a meias com Deos!* O Proximo é nosso Irmão *pelo amor de Deos*, e um dos meios pelos quaes nós confessamos que o reconhecemos como tal, consiste em atural-o. Quantas vezes me disse a pia e instruida primeira Duqueza de Saldanha: «Meu sobrinho! que *penitencia* não é aturar o Proximo!» E temos por dever christão aturar uns os outros, e, fazer aquella penitencia. E quem a não terá feito ou não a terá feito fazer! Procuremos ser superiores a todas essas *nuvens* com que o Demo procura perturbar-nos, e fazer nos perder o caminho do serviço da Causa de Deos, por este ou aquelle motivo, que poderemos ter por justo mas que não satisfaz o fundo de nossa consciencia; e tremamos diante da idéa: que daremos gosto aos inimigos da Causa Catholica! Outro gosto lhes devemos nós procurar com todo o esforço de alma e coração, e este é o da sua conversão á verdadeira Doutrina, para seu bem eterno, e tambem temporal, como é consentaneo em quanto Deos os conserva n'este mundo! Ninguem quebre, imbote, embainhe ou ponha de parte a espada de que Deos lhe fez graça no campo da batalha da Verdade com o Erro; nem se julgue dispensado do combate onde póde combater, julgando-se auctorisado para a escolha que mais lhe possa agradar. O *vaeter miles* era uma grande honra militar entre os guerreiros Romanos pagãos, era-lhes como um marechalato; muito mais o é entre os *milites christianos;* e quem Deos assim *promoveu* não se póde demittir de qualquer modo que seja. Nos exercitos sam *reformados* os Generaes; no *Exercito* de Deos não ha *reforma* para os Generaes nem para os soldados, *todos* militam até á morte. Quem ganhou *louros Vaticanos* por trabalhos, que Deos abençoou, faça porque nem uma só pessoa julgue que os respeita de qualquer modo *em basta!* O christão espirito de *sacrificio* é *semeador* de louros do Céu; e o *sacrificio* não o seria, se *sacrificassemos* não christãmente; hoje diz-se *sacrificio muita cousa* que agrada a *Belzebu*. Peçamos a Deos a graça para o espirito de *sacrificio* e não menos n'essas occasiões em que se nos afigura compromettido nosso amor-proprio; as almas grandes comprehendem isto; os eclipses não destroem o sol.

O Psalmista tambem deprecou: «Cor contrictum et humiliatum Deus nor despicies!»

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Egreja e asylo dos Irmãos de S. João de Deus em Barcelona

(Vid p. 145)

Nasceu o sancto em Portugal, a 8 de março de 1495, na villa de Montemór o Novo (Alemtejo), embora alguns auctores lhe apontem o berço em Villa Viçosa. A crença piedosa attesta haverem tangido miraculosamente os sinos em seu nascimento, e não admira fosse alegremente saudado em sua entrada no mundo quem d'elle havia de sair deixando por toda a parte signaes memoraveis de seus triumphos.

Abandonando aos 8 annos a casa paterna, passou a Ovopera, em Hespanha, onde viveu de pastorear rebanhos, indo mais tarde alistar-se sob as bandeiras de Carlos V, incorporando-se no exercito de Fuenterrabia, que se batia contra os francezes. Desgostoso das lides marciaes, regressou a Ovopera, Sevilha e Granada, e ouvindo prégar um dia o veneravel Padre João d'Avila, tão fundo n'alma lhe entrou a graça divina, que de todo se viu convertido para o céo. Distrahido das coisas da vida, sahia ás ruas como demente, ferindo o peito com uma pedra e, supposto louco, foi recolhido n'um hospital, onde por muito tempo se conservou. Encontrando-o o Padre João d'Avila, mandou-o sair, e o fervoroso convertido passou em peregrinação ao devoto sanctuario de Guadelupe, vindo em seguida fundar em Granada um hospital notavel, obtendo recursos por trabalhos de suas mãos e pedindo esmolas de porta em porta.

Os que se lhe associaram, constituiram o nucleo dos benemeritos Irmãos de S. João de Deus, uma das glorias da Egreja Catholica. Por 1606 vieram estes religiosos a Portugal e fundaram hospital e egreja na casa em que nascera o veneravel fundador. Tiveram convento em Lisboa, e varios hospitaes sob sua administração, incluindo os hospitaes militares, que os nossos reis lhes concederam.

A extincção das Ordens Religiosas privou-nos d'estes zelosos consoladores da humanidade afflicta, até que ultimamente dois d'elles vieram tomar a seu cuidado o Albergue de Sancta Martha, em Lisboa, instituição promettedora de messe abundante de beneficios aos ecclesiasticos portuguezes.

A nossa gravura representa uma das muitas casas que no reino visinho administram os caritativos Irmãos de S. João de Deus.

Pobre viuva!

(Vid. secção litteraria)

SECÇÃO NECROLOGICA

Leitores: Sejamos solicites no desempenho fiel de tão valiosa missão de caridade de soffragar as almas dos nossos irmãos, que se nos antecipam no tribunal de Deus. Por costumados a ouvir este rôgo, não ponhais de parte nossas palavras, mas antes vos lembrai que, entre as varias secções da nossa *Revista*, é por ventura esta a que mais deve prender vossa attenção. Entrados no limiar do Purgatorio, chegareis então a conhecer de sobra, quanto valor encerra um Padre-Nosso ou uma Ave-Maria recitado em vosso favor.

Não olvideis pois as almas. Orai fervorosamente pela do

Ex.mo Snr. Antonio Pereira da Cunha, chefe do partido legitimista, portuguez de lei, caracter nobilissimo, catholico sincero, talento de primeira plana, representante d'uma das mais antigas e illustres familias do reino, fiel ao seu rei como Martim de Freitas, devotado sempre á causa do direito, pois tal era a do real vencido, como o juram ainda hoje os seus adeptos e o confessam os do campo contrario a quem a paixão não induziu a contradizer a verdade. A morte de Pereira da Cunha é um damno sensivel nas fileiras legitimistas. Quem, como nós, teve a ventura de ver-lhe o enthusiasmo juvenil, não arrefecido pelo gelo dos annos, póde avaliar quanto pela familia e pelos correligionarios será lastimada esta grande perda; pela do

Rev.º Padre José Silverio da Silva, de Braga, sacerdote exemplarissimo, obreiro incansavel no campo de Deus, reliquia veneranda das extinctas Ordens religiosas em Portugal; pela da

Ex.ma D. Maria do Carmo Caldeira Carvalho, de Extremoz, senhora de singular piedade, fallecida, após a recepção dos ultimos sacramentos, em 7 do corrente; e em fim pela do

Rev.º Padre Antonio Gonçalves Corrêa de Paiva, abbade de Santa Maria de Cabril, fallecido aos 2 de março ultimo, contando 82 annos e quatro mezes. D'este benemerito sacerdote diz-nos um nosso amigo, o snr. P. M., de Alvarenga, o seguinte:

«Foi um ministro muito digno e um parocho exemplarissimo, o qual por motivo algum deixou de cumprir os seus deveres de bom e solicito pastor.

«Sabia respeitar-se, respeitando os seus freguezes; e por isso mutuamente se amavam.

«Esta freguezia d'Alvarenga sentiu amargamente a retirada do venerando ancião, que por justos motivos deu este passo; não deixando com tudo de acompanhar S. S.ª nos momentos mais lancinantes no fallecimento de suas duas extremecidas irmãs, que pouco o precederam na ultima jornada; pois que os parochianos de 45 annos jámais poderão esquecer-se do seu zeloso pastor!

«Sempre condescendente no que era justo, não só acquiescia á vontade dos seus freguezes; mas até promovia tudo o que tendesse a bem da religião e salvação do seu rebanho.

«Verdadeiro amante do Divino Coração, não obstante a sua avançada idade e carencia de forças, trabalhou sempre com o maior fervor e dedicação pela prosperidade do «Apostolado da Oração», já alojando em sua casa os diversos missionarios, que por muitas vezes aqui o vinham ajudar, já confessando e por todos os modos esforçando-se pelo desenvolvimento e progresso da «Santa Liga», como se pode vêr nos respectivos relatorios, sendo director diocesano d'este circulo até que saiu para Cabril.

«O Divino Coração lhe dava as forças precisas para vencer tantos trabalhos».

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

POBRE VIUVA!..

(Vid. a gravura da p. 151)

Teve sonhos, teve esp'ranças...
quiz na terra ser feliz!
Seio a arfar, rosa nas tranças,
viu as bemaventuranças
perdourarem lhe os abris.

Teve sonhos, teve esp'ranças;
ideou a paz, o bem.
Mas olha, vê tu se alcanças
boiarem sempre ondas mansas
por esses mares além.

Prestes um dia obumbrou se
o azul ridente do céo...
do infortunio á dura fouce,
no altar do affecto rasgou-se,
rasgou-se o nitido véo.

Pobre de ti! Onde o arrimo,
da tua fraqueza esteio?
Não vês mais flor n'esse limo,
só dôr é hoje o teu mimo...
—dessangra um golpe no seio.

Pobre de ti! Em ventura
muito não ha que te eu vi!
Pelo horror de noite escura,
orvalhas a sepultura
cavada juncto de ti.

E'-te o coração rallado
ao pungir dos dissabores,
e em cada instante de enfado
vês sumir-se te o passado
do futuro ante os pavores.

Ah pobre martyr, coitada!
orphã de affectos leaes...
Triste... só... angustiada...
Tu és estatua poisada,
do desalento aos hombraes.

Do rosto a nuvem faz pena,
enlucta o ver-te a chorar...
Mulher! a fronte asserena:
—tua filha a tarde amena
ha trazer-te em seu olhar.

Vê que brilhos n'essa fronte...
que paz, n'ess'alma, Jesus!
Um astro assoma no monte,
em ondas vai no horisonte
em breve soltar a luz.

Regressa, pois, tu á lida...
volte o alento ao seio teu.
D'ella vive, dá-lhe vida...
e embora ardua a avenida,
ide, oh! ide ambas ao céo.

M. F.

RETROSPECTO

Roma.—O Sancto Padre, pastor incançavel do rebanho de Jesus Christo, occupa-se actualmente na elaboração d'uma Encyclica, destinada a combater a usura e esse desejo insaciavel de riquezas, que destroe pela raiz aquella preciosa paz trazida aos homens de boa vontade e é causa frequente d'um crescido numero de peccados. Ao cardeal Lavigerie enviou um Breve em que approvou a piedosa associação constituida em favor dos ecclesiasticos obrigados ao serviço militar, attenuando quanto ser possa as funestas consequencias advindas ao sacerdocio pela convivencia no meio dos soldados. Concede muitas indulgencias aos associados, o que porcerto unirá estreitamente os catholicos francezes a implorarem n'uma cruzada de orações a protecção do Altissimo para as grandes provações da França.

Em quanto o Soberano Pontifice se disvela continuamente pela salvação do mundo, os usurpadores de Roma apressam dia a dia a ruina da pobre Italia. A questão de Massuah envolve o governo em tão serios embaraços que lhe não será facil desenredar-se d'elles. A crise financeira é outro abysmo perante os passos do governo italiano, aberto agora n'uma amplitude de que não ha memoria desde 1870 até hoje. A penuria aggrediu todas as classes; é geral o queixume desde o proprietario do mais desinvolvido estabelecimento até ao possuidor da mais exigua taberna. Estes symptomas de desalento transmitte-os, não qualquer jornal reacionario, mas o proprio *Capitan Fracassa*, que ninguem terá como suspeito.

Com relação ao conflicto.—Os jornaes ministeriaes dão-nos tranquilisadoras noticias: Sir James Fergusson, na sessão de 14 do corrente, na camara dos communs, declarou o seguinte:

«Houve algumas questões entre Portugal e a Inglaterra, que ainda não foram resolvidas: por exemplo o governo de sua magestade britannica intendeu que Portugal não tractou com equidade a companhia britannica, apoderando-se do caminho de ferro de Lourenço Marques, e esperava que esta companhia recebesse uma justa compensação, posto que o litigio não havia ainda chegado a uma conclusão satisfactoria.

«Quanto á suspeita da partida d'uma expedição portugueza para os lagos, não ha motivo de recear da lealdade de Portugal.

«Sobre a expedição a Machona, o governo portuguez affirmou ao ministro de S. M. britannica em Lisboa, que não teve ainda informação alguma de tal expedição.»

Perante a imprensa regeneradora parece que tudo corre maravilhosamente.

Mas... outra imprensa ha a dizer-nos simultaneamente, «que em breve o governo portuguez vai enviar a lord Salisbury um *memorandum*, exigindo uma resposta categorica sobre as intenções do gabinete inglez.»

Continuam pois as negociações tanto ou quanto nebulosas, o que deveras nos inspira receio, porque os antecedentes são concordes em dizer-nos que os inglezes, por direito ou contra direito, vingarão lograr-nos mais uma vez.

Relatorio das Conferencias de S. Vicente de Paulo no Porto, no anno de 1889.—Sentimos magua profunda não termos espaço sufficiente para expormos aqui, com a eloquencia persuasiva dos numeros, dados valiosissimos do quanto ha feito, em prol da indigencia, esta benemerita associação, cuja notavel vitalidade se vê comprovada pelo relatorio. No emtanto, *per summa capita*, apontemos: Ha no Porto 7 conferencias, com 110 membros activos, 55 honorarios e 174 subscriptores; a receita subiu a 2:645$920 reis e a despeza foi de 2:082$890 reis. Entre varios donativos extraordinarios, avultam um de 50$000 reis, (havido d'uma bemfeitora anonyma), entregue pelo snr. abbade de Santo Ildefonso; outro, de egual quantia, enviado por Monsenhor Azevedo Couto; outro, de egual quantia, por intermedio do jornal «A Palavra». Monsenhor Silveira Borges, conego da Sé do Porto, mas actualmente na ilha de S. Jorge, enviou uma carta consoladora, felicitando a Associação pelos feitos que a honram, e enviando 33$000 reis de suas mensalidades. Esta instituição beneficente, humilde em implorar e generosa em distribuir, além dos ordinarios soccorros e impulsos a tanta necessidade temporal e espiritual, concedeu extraordinariamente 30$000 reis á recemnascida Conferencia de Massarellos, reis 40$000 á da freguezia da Sé, inaugurada tambem este anno, 50$000 reis ao Hospital de Sancta Maria, carecido de recursos, e onde teem obtido tractamento varios pobres das Conferencias.

Vemos pois que Deus abençôa esta obra admiravel, manifestada por tantos dons materiaes distribuidos aos que precisam, e animada pelo espirito evangelico de seus membros, unindo os entre si, e pelo conforto, conselho e exemplo sublime.

Estudantes do lyceu de Lamego.—N'uns exercicios militares, ha pouco realisados em França, foram no topo das montanhas collocadas por ordem do commandante machinas photographicas, que reproduziram os varios movimentos das tropas. O commandante, examinando depois as photographias, verificou as irregularidades commettidas por muitos de seus soldados.

A' imprensa periodica toca lhe por vezes photographar irregularidades, e como o correspondente da «Ordem», tractando da missão dada na cathedral de Lamego, recolheu uma prova magnifica, pedimos lhe licença de a reproduzir aqui:

«Foi grande o fructo da missão.

«Os alumnos do lyceu, que na maioria teem o brio indigno de se portarem escandalosamente, deram mais uma prova de sua pessima educação.

«Faziam frequentes visitas á cathedral, para escarnecerem de quem alli estava com o respeito devido, e chegaram até alguns, segundo se diz, a simular confissões, introduzindo-se á socapa nos confessionarios!

«Esta cidade é concorde em affirmar que nunca o nosso lyceu foi frequentado por tamanha caterva de garotos. Bastava, porém, para demonstral-o, a sua attitude a proposito da missão da cathedral. E note-se que a maioria d'aquelles alumnos são uns verdadeiros *pedantes*, sem sciencia nem con-

sciencia. Não sei se só a elles se deve attribuir a culpa de seus desatinos!...»

Conhecerá pois o futuro a *dignidade eximia* d'estes sabios embrionarios, pela prova photographica que ahi deixamos.

Os grandes crimes.—No Funchal, a semana da Paixão findava entre as angustiosas impressões d'um attentado hediondo, a que nos referimos em o numero anterior, perpetrado contra o venerando Prelado d'aquella diocese, um dos mais zelosos e mais amados antistetes, que distinguem o episcopado portuguez. Porém o damnado feito dos scelerados que intentaram enluctar um povo, ficou malogrado pela protecção invencivel da Rainha dos Confessores, manifestada claramente n'aquelle dia solemne em que a Egreja entoava threnos sentidos, honrando a como a Rainha dos Martyres. D'aquella malvadez, ao invez do que esperavam o barbaro que a praticou e os selvagens que o estipendiaram, grandes bens fará brotar a divina Providencia: o amor dos filhos dilectos ao Prelado redobrará: o affecto d'este á Virgem, que o defendeu, será mais vivo; a infamia, cahida nos hostilisadores do amantissimo pastor, será de tal peso que impossivel é poderem soerguer-se de baixo d'elle.

Em 28 de março foi pois este infame e cobardissimo delicto, e o genio do mal, ao mesmo tempo que inspirava os adeptos da Madeira, inspirava os do continente. A 29 (o fatal dia do Porto!) na segunda cidade do reino, rua das Flores, n.º 41, era entregue uma encommenda postal, vinda de Lisboa, com tres caixas de doce de côco, coberto a *chocolat fondant*, enfeitado de amendoas francezas. O endereço era para uma gentil creança, Bertha de Sampaio. A familia d'esta casa consta do abastado negociante (de fortuna superior a 600 contos) José Antonio de Sampaio e sua mulher D. Maria Carolina de Sampaio; Bertha de Sampaio, destinataria da encommenda, orphã de pae e mãe, (filha de José de Sampaio Junior, fallecido em janeiro ultimo); e Mario e Maria de Sampaio, orphãos de pae e mãe, filhas de Guilherme de Sampaio, fallecido ha annos.

Ha demais uma senhora, filha de José Antonio de Sampaio, e portanto tia d'estas tres creanças:—é D. Maria das Dores Bento de Sampaio Freitas, casada ha muito com Vicente Urbino de Freitas, doutor em Medicina pela Universidade de Coimbra, e lente da eschola medica do Porto. Ha filhos d'este matrimonio.

No domingo 30, comeram as creanças do doce, bem como a avó e uma creada. Na segunda-feira, o menino Mario começou a sentir-se mal; na terça o incommodo augmenta, manifestando-se nas demais pessoas que comeram do doce; na quarta Mario sente-se já gravemente mal e o dr. Urbino de Freitas, como da familia, é chamado logo. Receita um vomitorio para sua sogra, avó das creancinhas, e a estas, que todas se sentiam mal, manda applicar clisteres, por elle preparados.

Mario morreu n'este dia, 2 d'abril. No dia 4 procede-se a autopsia, constatando-se no estomago a existencia de morphina e opio.

Desde este dia, a policia, a imprensa, o publico, trazem os olhos postos n'este crime nefando, do qual é accusado o dr. Urbino de Freitas, cujos filhos, extinctos os demais descendentes do capitalista Sampaio, seriam herdeiros d'uma collossal fortuna.

São tantas as circumstancias aggravantes, gravitam em redor do caso da rua das Flores suspeitas tão sérias, como a morte de José Sampaio Junior, Guilherme de Sampaio e da esposa d'este.

O dr. Urbino, chamado varias vezes ao commissariado geral de policia, foi por fim preso no dia 15, e a ser, como o indigita a opinião publica, o auctor de tantos crimes, vemos agora em Portugal, *cuja brandura de costumes tanto se apregôa*, quem eguale a João Troppmann, a Diogo Alves, a Mattos Lobo, a Castaing e Lapommerais, quem emfim copie á lettra o celebre *doutor Vermelho*, com que uma folha da capital anda *deliciando* os seus numerosos leitores. Não incriminamos o dr. Urbino; a outros incumbe essa ingrata mas importantissima missão. Conspira porém tudo de tal modo contra elle, que raro apparece quem se lembre de procurar outro auctor do crime.

Alguem, todavia, se espantou em vêr que a illustração do accusado o não eximisse de similhantes torpezas. Este espanto é que a nós nos assombra! Se é ingenuidade, é d'um tal quilate, que mais a proposito é chamar-lhe cegueira. A illustração sem Deus, a illustração que hoje se vê, derrue pelos alicerces a sociedade moderna, transformando-a n'uma ante-camara do inferno, como disse Margotti. «Enganam-se ou querem enganar os mais, os que julgam que basta a instrucção para melhorar os povos», diz Cantu, e agora mesmo lêmos n'um artigo magnifico de Et. Cornut as palavras seguintes: «A sciencia é uma arma; só a consciencia tem a força necessaria para lhe impedir o abuso; que é porém a consciencia sem Deus? uma palavra que assusta os imbecis. A sciencia, como esta, consiste em satisfazer os desejos e enganar o codigo, unico freio acceitavel pelo atheismo». O cav. Bonomi, procurador da corôa, na abertura do anno jurico, em Florença, segundo vemos na *Palavra* de 18 do corrente, inspirando-se de egual verdade, exprime-se d'este modo: «Hoje instrue-se mas não se educa. Dá-se aos moços nas escolas noções elementares, rudimentos de sciencia e litteratura, mas do coração não se cuida. Ensina-se a lêr, mas ninguem se importa do que mais tarde hão de lêr».

Eis aqui uma fonte caudalosa, um Nilo de grande numero dos males sociaes, manifestado recentemente nos factos do Funchal e do Porto, aos quaes hão de succeder outros e outros, porque se acham abertas as cataratas do céo e não se descobrem nem longes sequer de signaes percursores de bonança. Pobre nação! em que vascas te verás augustiada, quando soar o momento de colhêres todos os fructos da impiissima instrucção, que ha tanto se dissemina em todas as tuas cathedras!...

Tumultos em Hespanha.—D. Carlos de Hespanha, escrevendo em 2 d'abril ao marquez de Cerralvo, chefe do partido legitimista, dizia-lhe: «Reanima o povo laborioso e honrado, victima e não causa d'esta situação desastrosa. Inculca-lhe a fé em um amanhã mais venturoso e fala-lhe a linguagem da esperança. Em ti veja elle o percursor convencido e enthusiasta do governo forte e paternalmente protector, pelo qual suspira. Cuida, com não menor zelo, dos altos interesses moraes a que estão indissoluvelmente unidos a nossa causa e o engrandecimento da patria. E para os defenderes procura collaboradores dotados do teu mesmo caracter generoso, livres de estreitas preoccupações sectarias e inimigos de vergonhosas pequenezas, animados, em summa, dos sentimentos de incondicional obediencia á Egreja, e da caridade sem limites que, vozes inspiradas por Deus a todos nos ordenam».

O marquez de Cerralvo percorria pois o norte e leste d'Hespanha, despertando os carlistas fieis, para nova empreza n'um futuro talvez proximo. Chegando o marquez a Valencia em 9 do corrente, os antilegitimistas decidiram amargurarem-lhe o enthusiasmo com que por toda a parte fôra acolhido. Assalariando gente que servisse, ladearam as carruagens do marquez, no meio de apupos e pedradas, desde a estação do caminho de ferro até ao Hotel de Roma, aonde ia hospedar-se, não sendo sem grave perigo a passagem do marquez e seu sequito, das carruagens para o Hotel.

A grita e assalto ás janellas calmou apenas á chegada do governador civil, que foi acolhido com vivas e palmas. A turba desordeira dirigiu-se então á casa do *Centro Tradicionalista*, onde se achavam reunidos muitos carlistas, que se viram obrigados a obstruir as

entradas com a mobilia e a defenderem-se a tiros de revolver. Os assaltantes lançaram fogo ao edificio, e foram presos varios carlistas. Não satisfeitos passaram ainda a uma egreja extra-muros, queimando e derruindo, sendo calculados os prejuizos em mais de 50:000 duros (cerca de 45 contos).

Crimes da Inquisição.—Escreve-nos um amigo participando-nos a ingrata noticia de se andar publicando em Lisboa uma obra com o titulo da nossa epigraphe. Será um *pendant* soberbo ao *Papa Negro*, ejaculado ha pouco dos prelos portuguezes. Vem a talho uma pagina d'um escriptor contemporaneo, Drumont, cujas obras tem levado os impios a fazerem mais d'uma dezena de caramunhas. Vamos á pagina:

«A condessa de Bazan, escriptora hespanhola, de distinctissimo talento, quiz ver, ha annos, a Victor Hugo, e foi recebida pelo poeta com a magnifica amabilidade que lhe era peculiar. A' sua hospeda de Hespanha narrou Victor Hugo a viagem feita áquelle paiz, quando creança ainda, em companhia de seu pae: desejoso porém de ser agradavel a alguns radicaes estropiados, que estavam presentes, censurou discretamente a Inquisição.

«A senhora de Bazan rectificou os erros do poeta a este respeito, e provou os serviços prestados ao paiz por esta patriotica instituição, cujo desenvolvimento havia coincidido com a grandeza da nação.

«A senhora de Lockroy, judia de origem, impaciente das razões da condessa, derigiu-se-lhe de má catadura:

«Senhora, acaso V. aprenderia historia com os dominicos?

«A hespanhola ergue-se, fita com firmeza a mal educada interlocutora, e diz-lhe:

«Não tive essa honra, aliás saberia melhor a historia do que sei. No emtanto conheço-a bastantemente para não ignorar que no paiz de V., ha menos de um seculo, um tribunal revolucionario commetteu todos os horrores que V. attribue á Inquisição, a qual praticou apenas actos de justiça. A Inquisição não teme se lhe lancem em rosto crimes similhantes ao assassinato de André Cheniér...

«A senhora de Lockroy entupiu, e o poeta, que a aborrecia, continuou conversando em encomio da intrepida hespanhola.»

Drumont offerece-nos ainda uma nota, que está requerendo transcripção. Diz mais: «Quando a condessa de Bazan encontrar por Hespanha d'estes judeus, disfarçados em apostolos da Civilisação e do Progresso, que rondam em seu paiz no intuito de o arruinar, atraiçoar e entregar ao estrangeiro, cite-lhes promptamente a obra de Wallon, para elles de grande fé, visto que é o pae da constituição actual. Pergunte pois a esses partidarios da grande *Revolução* o que pensam elles da execução de frimario, anno II, na qual, ao mesmo tempo, se guilhotinaram 24 artistas e lavradores, 2 rapazes de quatorze annos com outros 2 de trese. Um d'elles, atado já a uma tabua, chegando apenas com a parte superior da cabeça ao sitio do cutello, disse para o verdugo: «Ir-me-ás fazer grande damno?» Carrier foi de sege ver aquella scena tão dolorosa e tetrica, que no dia seguinte fez morrer horrorisado o pobre algoz d'ella. (Vid. Taine, *Origines de la France contemporainne* tom. III, p. 288).

«Tenho ainda á disposição da condessa de Bazan (continua Drumont) montões de factos d'egual peso. Para demonstrar quanto é justificado o odio ao jacobino, havia pensado, de companhia com Carlos Hericault, escrever um livro dedicado ás victimas humildes, aos pequenos, não aos que morreram por uma tal qual ingerencia no facto, senão aos que foram degollados sem motivo, a anciãs ou donzellas, não nobres, caritativas, que nunca intenderam a causa por que foram arrastados á guilhotina.

«Declaremos á senhora de Bazan, que estando a imprensa republicana franceza de todo nas mãos de judeus, força é que só tenha maldições para a Inquisição e adulações para os verdugos de 93. Um tal Aulard, não achando modo de vida, imaginou pôr-se a lamber na *Justice* o sangue que deixara manchas de oxido nas antigas guilhotinas. Foi quanto bastou: logo lhe deram uma cathedra na Sorbona, para que em pleno Pariz apologiasse o regimen que produziu José Lobon, Fouquier-Tinville e Carrier».

Eis as verdades incisivas que fazem vir a espuma aos labios dos inimigos da Inquisição.

Dos bicos da penna, mal sabemos se a proposito se fóra d'elle, nos está caindo um facto, que vamos apontar: No dia 1 de janeiro de 1885 morreu em Lisboa Antonio Victo Viegas Lima, fundador e collaborador do «Seculo». Tinha 28 annos. Deixado o cadaver em camara ardente, na noite de 1 para 2, sem ninguem que o velasse, caiu um tocheiro que inflammando a armação, produziu o incendio da casa (praça de Camões) habitada por varias familias, havendo um prejuizo superior a cem contos! O caixão de chumbo, em que estava o cadaver, derreteu. Foram feridas vinte pessoas na extincção do incendio, e o cadaver foi tirado do entulho, já quasi queimado.

Ora dois dias antes, a 30 de dezembro, n'esta nossa *Revista*, o distincto escriptor padre Senna Freitas, combatendo o «Seculo», dizia: *Atear na opinião publica* o incendio *do odio como* brandão *da mentira é trocar o activo do embuste pelo passivo d'um dinheiro roubado.*

Foi uma coincidencia, dirão alguns. Mas o certo é que Deus avisa muitas vezes por meio de coincidencias, e ai d'aquelle que desrespeita a Deus, a Deus que é a VERDADE. *Ipse deludet illusores*, diz o livro dos Proverbios, e quem sabe meditar não deixe passar estas palavras sem n'ellas reflectir.

Os nossos leitores equilibrarão por ventura o influxo da obra editada em Lisboa com recommendarem a *Historia Verdadeira da Inquisição*, de que ha magnifica traducção em portuguez.

Abril—22. *M. F.*

ANNUNCIOS

CONDE DE SAMODÃES

O MEZ DE MAIO

Consagrado á SS. Virgem

Auctorisado e approvado pelo Em.mo Cardeal Bispo do Porto, que concede 100 DIAS DE INDULGENCIA por cada leitura da Meditação de um dia.

(UNICA OBRA N'ESTE GENERO INDULGENCIADA)

PREÇO, ENCADERNADO, 400 RÉIS

A' venda—Em Guimarães—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas (successores).

BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e narrativas da Terra Santa sobre a Santissima Virgem; 5 volumes com magnificas gravuras de pagina.... 2$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os versos latinos e italianos de Sua Santidade, postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia e retrato; 1 grande vol. de luxo..... 2$000

A MULHER CHRISTÃ desde o nascimento até á morte. Estudos e conselhos por madame M. de Marcey, 1 grosso vol..... 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do tempo de Isabel, rainha de Inglaterra, 1 vol..... 500

João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas lettras e nas artes; um grosso vol. de trezentas e tantas paginas.... 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DEVOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, pelo padre Theodoro de Almeida, 1 vol. encadernado.. 400

A' venda na LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, editora, rua da Picaria n.º 85 e em Guimarães na de Teixeira de Freitas, e nas principaes livrarias do reino.